

CONCEPÇÕES RELATIVAS AO INDIVÍDUO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Marisol Gelamos Ruiz Morales¹; Ana Paula Leme Baptistella²; Daiane de Lima Antunes³; Ivan Leal Morales⁴; Marco Aurélio Migliorine Antunes⁵.

¹Psicopedagoga. Coordenadora Pedagógica – Prefeitura de Agudos – mgrmorales@hotmail.com ;

²Psicopedagoga Membro do Grupo de Pesquisa Inclusão das pessoas com deficiência, TGD ou superdotação – UNESP – Bauru - anapaula.baptistella@yahoo.com.br ;

³Administradora formada pelas Faculdades Integradas de Bauru – FIB - daiane_s.l@yahoo.com.br .

⁴Professor Esp. do curso de Ciência da Computação – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – ilmoralesbr@hotmail.com

⁵Professor Ms. do curso de Ciência da Computação – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – prof_marco@terra.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Altas Habilidades/ Superdotação, Concepções, Incentivo.

Introdução: A sociedade designa, por meio do senso comum, diferentes termos para designar indivíduos que se destacam por demonstrarem potencial superior em alguma área geralmente relacionando essas habilidades a uma inteligência privilegiada. Porém, o conceito de inteligência vem sofrendo mudanças em relação a sua concepção, tornando-se menos unilateral. Faz-se necessário que haja um ampliar de conhecimento em relação as concepções do que vem a ser altas habilidades/superdotação e de como lidar com esses indivíduos, seja no campo educativo ou profissional.

Objetivos: O estudo tem por objetivo auxiliar profissionais no entendimento das concepções e nos desafios no trato com indivíduos com altas habilidades/superdotação visando o desenvolvimento das potencialidades dos mesmos.

Relevância do Estudo: Altas Habilidades/Superdotação, tem sido objeto de estudo pela necessidade de considerar todos os indivíduos capazes de exercer a cidadania cooperando com a sociedade vigente. Desta forma, faz-se necessário ampliar a pesquisa sobre o tema, observar de que forma vem sendo entendido a questão a fim de que haja uma compreensão maior das necessidades desses indivíduos.

Materiais e métodos: Foi realizada pesquisa bibliográfica, a partir das palavras chave, utilizando fontes impressas e eletrônicas mediante busca seletiva.

Resultados e discussões: Pelo olhar do senso comum, diferentes nomes e concepções são dados à indivíduos que, de alguma forma, se destacam em relação ao esperado. A mídia muitas vezes contribui para que se propague a ideia de que o indivíduo com altas habilidades/superdotação, possui competências elevadas em todas as áreas. Segundo Alencar (2001), com isso, a mídia era uma expectativa de desempenho e de produção que não se observa neste grupo de forma homogênea. Nomes como precoce, prodígio e gênio são referências, pelo senso comum, de crianças superdotadas. Segundo Virgolin (2007), os termos “altas habilidades” e “superdotado” são mais apropriados para designar o indivíduo que demonstra sinais ou indicações de habilidade superior em alguma área do conhecimento quando comparado a seus pares. Essas habilidades não devem ser vistas carregadas de conotações que remetem ao entendimento de um “super herói”. Tratando o assunto de forma científica, deve-se considerar que os nomes anteriormente citados, como

prodígio, gênio ou precoce podem ser enquadrados em um termo mais amplo – Altas habilidades/superdotação. Gardner (1994) acreditava que as inteligências dependem de variáveis do contexto, da cultura, da genética e das oportunidades de aprendizagem de uma pessoa, ou seja, habilidades e inteligências se combinam para que o indivíduo possa desempenhar os diversos papéis exigidos na sua cultura, Alencar e Felith (2001) ressaltam que a superdotação pode se dar em diversas áreas do conhecimento humano (intelectual, social, artística etc), num continuum de habilidades, em pessoas com diferentes graus de talento, motivação e conhecimento. Virgolim (1997) complementa essa ideia quando relata que enquanto algumas pessoas demonstram um talento significativamente superior à população geral em algum campo, outras demonstram um talento menor, mas que podem também ter destaque em comparação a população em geral. Atualmente a maioria dos pesquisadores nessa área compartilham, sob diferentes enfoques, a ideia de que o indivíduo com altas habilidades/superdotação, possuem algum componente genético herdado e depende também das experiências no lar, na escola, dos estilos de aprendizagem, dos interesses e motivações únicas, ou seja, cada indivíduo poderá desenvolver suas habilidades de forma única. Gubbins (2005) coloca que o desenvolvimento dos “talentos” se desenvolvem em estágios sendo que alguns indivíduos o mesmo aparece de maneira óbvia, desde cedo porém outros podem apresentar habilidades ou talentos em estágios iniciais de emergência, precisando de atenção e encorajamento para a emergência destas capacidades. Exemplo desse fato é Isaac Newton, que descobriu o cálculo, desenvolveu a teoria da gravitação universal, originou as três leis do movimento – tirava notas baixas na escola enquanto pode-se ver crianças pré-escolares que já leem e entendem textos de maior complexidade, ou que manifesta grandes habilidades para resolver problemas em matemática.

Conclusão: Pode-se concluir que, as altas habilidades/superdotação, necessitam ainda de amplas pesquisas por ser uma área por envolver diferentes tipos e processos, podendo desdobrar-se quanto ao aspecto, social, emocional, familiar, educacional, profissional, conceitual, de potencialidades, tanto nos aspectos teóricos como práticos. Esses indivíduos necessitam que seu potencial seja considerado para que não haja desperdício de oportunidades. Faz-se necessário conhecer profundamente o assunto a fim de desenvolver caminhos, estruturar desafios para que essas potencialidades possam ser estopim de um desenvolvimento da sociedade e da nação.

Referências:

ALENCAR, E.M.L.S. **Criatividade e educação de superdotados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ALENCAR, E.M.L.S., & FLEITH, D.S. **Superdotados: Determinantes, educação e ajustamento** (2ª.ed. revista e ampliada). São Paulo: EPU, 2001.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GUBBINS, E.J. **Revolving Door Identification Model: Characteristics of Talent Pool students**. Unpublished doctoral dissertation, University of Connecticut, Storrs. 2005.

VIRGOLIN, A.M.R. **Alta habilidade/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

BULLYING E CYBERBULLYING

Marcelo Stefanini¹; Maria Luisa Ramalho²; Talita Egea³; Bianca Mendes⁴; Mônica Gregghi⁵

¹Marcelo Stefanini – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marcellostefanini97@gmail.com;

²Maria Luisa Ramalho – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marialuisa.ramalhof@gmail.com;

³Talita Egea – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – talita_egea@yahoo.com.br;

⁴Bianca Mendes – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – biadsm_10@hotmail.com;

⁵Mônica Perri Kohl Gregghi – Psicóloga, Profa. Dra. Coordenadora e docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mgregghi23@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: bullying, cyberbullying, psicologia, educação superior

Introdução: No presente trabalho, são discutidos dois artigos, partindo-se da premissa de que o conhecimento científico se aprimora conforme diferentes pontos de vista são debatidos. Entendemos que a adolescência, período de transição entre a infância e a idade adulta, é uma fase muito complexa. O adolescente atravessa intensas transformações fisiológicas e psicológicas, seguidas de inúmeros questionamentos e instabilidade. A escola se apresenta a este jovem como uma das fontes principais de referência emocional e psicossocial. Infelizmente, nela também ele pode se deparar com a violência, atuando como agressor ou sendo vitimado, ilustrando os tristes fenômenos do *Bullying* e o *Cyberbullying*. Estando presentes, eles fazem da escola um perigoso palco de agressões e sofrimento entre os jovens (Sawaya, 2002).

Objetivos: Visamos, primeiramente, chamar a atenção para estes dois fenômenos, relativamente recentemente considerados dentro da psicologia, analisando a capacidade deletéria dos mesmos para o desenvolvimento do jovem, não só para o vitimado, mas também para o agressor. Partimos da premissa de que não fechando os olhos para o *bullying* e o *cyberbullying*, possamos vir a compreender melhor a origem dessas agressões

Relevância do Estudo: O alarmante crescimento do *bullying* e do *cyberbullying* chama a atenção dos profissionais de saúde, sobretudo os da psicologia. É um fenômeno presente entre jovens de todo o mundo. O avanço das comunicações eletrônicas – palco principal do *cyberbullying* - pede urgência quanto ao desenvolvimento de recursos de intervenção das ciências em geral. Qualquer tentativa de aprofundar e refletir sobre estes dois fenômenos passa a ser extremamente válida para estudos futuros.

Materiais e métodos: Foi criado um panorama de ideias e reflexões a partir de um levantamento bibliográfico, que se iniciou em sala de aula, no curso de Psicologia do Desenvolvimento I – na FIB, no primeiro semestre de 2015. Foram escolhidos alguns artigos científicos no tema. Tais artigos versaram sobre casos clínicos severos, derivados do sofrimento de *bullying* ou *cyberbullying* – ou de ambos – que chamaram a atenção dos alunos do curso. Também foram usados livros e textos disponibilizados na biblioteca da faculdade, somados ao conhecimento adquirido em classe. O conteúdo do presente trabalho fez parte da atividade de seminários dentro da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento I - FIBBAURU - 1º semestre 2015.

Resultados e discussões: A agressão, em qualquer fase da vida em que ocorra, é extremamente prejudicial a saúde mental. Sendo a infância e a adolescência fases cruciais do desenvolvimento humano – e período no qual se é mais vulnerável ao *bullying* e ao

cyberbullying – o sofrimento destes maus tratos passa a ser mais grave na medida em que falta maturidade ao indivíduo para lidar com estes fenômenos. São inferências que lesam por demais seu autoconceito e sua autoestima. Passam a interiorizar que somente com agressividade se tornará possível a resolução de conflitos, ou seja, em situações de estresse ele usará a agressão como meio para atingir os seus objetivos. A linguagem emocional que se instala defensivamente é a de que agressividade é poder, com ela se defendem e se impõem, gerando uma triste distorção de identidade e valores (Garaigordobil, 2011). O *Bullying* resulta em vitimização de um jovem que sofre de diferentes tipos de agressões de forma sistemática por um agressor ativo enquanto agressores passivos agem como “platéia”. A vítima é escolhida, por demonstrar algumas características, as quais são propensas aos agressores para praticar os maus tratos, essas vítimas podem ainda se tornarem vítimas-agressoras, são aquelas que participam como agressoras em outras circunstâncias de sua vida (Fante, 2005; Salmivalli & Voeten, 2004). O *Cyberbullying*, é uma prática que envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação para dar apoio a comportamentos repetidos e hostis praticados por um indivíduo, com os mesmos objetivos que o bullying, de humilhar e prejudicar o outro. É uma forma de ataque à individualidade de cada um que pode ganhar dimensões incalculáveis. “Um tipo de bullying que utiliza a tecnologia” (Shariff, 2011, p. 59).

Conclusão: A prática do *Bullying* e *Cyberbullying* necessita urgentemente ser contida. Trata-se de práticas altamente doentias e destrutivas tanto para o agressor quanto para a vítima. Vivemos num período de banalização dos sentimentos e direitos humanos, de pouca consideração da importância do mundo virtual e suas consequências positivas e negativas. É preciso que as ciências se irmanem na busca de soluções.

Referências:

BEANE, Allan L. Proteja seu filho do Bullying. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

TOGNETTA, L. R.; BOZZA, Thais Leite. Cyberbullying: quando a violência é virtual - Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. Anais do I Seminário Violar: problematizando juventudes na contemporaneidade. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010. CDROM ISSN: 2178- 1028.

BAUMAN, Z. Amor líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

IMPACTO DO DIVÓRCIO NA SAÚDE MENTAL DOS FILHOS

Carlos David Simões¹; Ednei Antônio Braga Rodrigues¹; Keylla K. Santos Martins¹; Maria Cristina Tavares Trize¹; Mirian Ribeiro Alves¹; Mônica Greghi²

¹Carlos David Simões – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – carlosdavi_55@hotmail.com;

¹Ednei Antônio Braga Rodrigues – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – edneibraga@uol.com.br;

¹Keylla K. Santos Martins – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – keylla_jdb@hotmail.com;

¹Maria Cristina Tavares Trize – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – cristina_trize@ig.com.br;

¹Mirian Ribeiro Alves – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mribeiro1008@gmail.com;

²Mônica Perri Kohl Greghi – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mgreghi23@gmail.com;

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Divórcio, Relacionamento Parental, Desenvolvimento Emocional, Crianças e Adolescentes.

Introdução: O relacionamento parental no período de desenvolvimento do jovem é de extrema importância (Cummings & Davies, 2002) com a finalidade de gerar um adulto em plena consciência de seus atos e apto a aproveitar as oportunidades que este apreciará na vida adulta, porém o divórcio parental durante esse período pode gerar no indivíduo em desenvolvimento problemas de internalização, de externalização (Jouriles, Murphy & O'Leary, 1989), queda do rendimento escolar, irritação, problemas de ajustamento e relacionamento e, em casos mais graves, depressão, vandalismo, falta de controle, ansiedade, descrença, distração, problemas psicossomáticos, além de aspectos amplos da relação pais-filhos, como a associação entre conflito conjugal e depressão materna, alcoolismo além de abuso físico e sexual. Portanto o estudo sobre o comportamento geral dos indivíduos que vivenciam o divórcio é de extrema importância para entendermos os fenômenos psicológicos que o acompanham.

Objetivos: Entender a importância das relações parentais na saúde mental dos filhos, compreender os eventuais danos e sintomas que podem se manifestar após a separação e todas as variáveis que esse processo abrange.

Relevância do Estudo: Compreender os processos mentais que ocorrem com os filhos com o advento do divórcio a fim de determinar a maneira mais adequada da qual deve proceder à abordagem do psicólogo respeitando sempre a individualidade de cada um.

Materiais e métodos: A pesquisa foi feita através de revisão bibliográfica de artigos científicos e dados coletados por todo o território brasileiro, Visando o pleno entendimento da questão sobre a ótica da sociedade atual. Não podemos nos esquecer que o objeto desse estudo é o próprio ser humano e suas nuances, portanto, Cada sujeito munido de suas experiências prévias e suas emoções irá vivenciar o mundo de uma forma única e exclusiva, contudo, certas ações tendem a se repetir, possibilitando assim, através da análise do comportamento de pessoas na situação do divórcio, que cheguemos a algumas conclusões gerais sobre esse fato.

Resultados e discussões: Todo ambiente familiar é marcado por conflitos de algum nível, seja ele velado ou exposto aos olhos do filho, as dimensões do conflito conjugal envolvem a frequência da ocorrência de interações conflitivas entre o casal, a intensidade das interações, o conteúdo sobre o que está ocasionando o conflito e, finalmente, a forma como as interações conflitivas são resolvidas (Grych & Fincham, 1990), foi evidenciado que a

presença de distúrbios emocionais na criança não estava relacionada unicamente à situação do divórcio parental, mas, sim, à exposição da criança a conflitos intensos anteriores ao rompimento familiar (Fonagy, Target, Steele & Steele, 1997). e essas por sua vez tem o potencial de gerar sintomas adversos no comportamento da criança ou do adolescente, aumentando sua taxa de stress ocasionando em um desconforto ao filho, porém, considera-se que a presença de conflitos no funcionamento familiar, por si só, não está necessariamente associada a dificuldades no ajustamento da criança e adolescente, dependendo de aspectos específicos de cada dimensão. Alguns conflitos geram inclusive, um resultado positivo no amadurecimento e na forma como o indivíduo passa a encarar as dificuldades do dia-a-dia, por essa razão e que se deve informar a criança sobre as circunstâncias em que ela e seus pais se encontram, apontar soluções e procurar alternativas para que a criança desenvolva um senso próprio do ambiente em que ela se encontra, mas, depressão materna (Cummings & Davies, 1994), condutas destrutivas que envolvem agressão interpessoal e violência, conflitos não verbais com distanciamento afetivo parental durante o episódio, agressão física, agressão a objetos, ameaças à integridade da família e conflitos envolvendo a criança (Cummings & Davies, 2002). Esses casos, principalmente aqueles envolvendo violência conjugal, originam situações adversas que interferem nas relações parentais e nas práticas de socialização da criança.

Conclusão: Chegamos a conclusão que a forma como os filhos vão encarar o divórcio parental está atrelado a diversas variáveis como a relação com os pais antes da separação, as experiências vividas anteriormente pela criança, suas crenças, o impacto do divórcio em sua vida, comportamento dos pais, o contexto e a forma que ocorrem as nuances do divórcio e o humor do filho no momento vão definir a forma como ele vai lidar com a notícia, portanto, qualquer tipo de previsão ao comportamento da criança não pode ser encontrado, pelo menos não precisamente.

Referências:

CUMMINGS, E. M., & DAVIES, P. T. Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes on process-research. *Journal of child psychology and psychiatry*, 43, 31-63.

GRYCH, J. H., & FINCHAM, F. D. Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108, 267-290.

JOURILES, E. N., & MURPHY, C. M. & O'LEARY, K.D. Interpesoal aggresion, marital discord, and child problems. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 15, 453-455.

CUMMINGS, E. M., & DAVIES, P. T. Maternal depression and child development. *Journal-of-Child-Psychology-and-Psychiatry-and-Allied-Disciplines*, 35, 73-112.

FONAGY, P., TARGET, M., STEELE, M., & STEELE, H. (1997). The development of violence and crime as it relates to security of attachment. In J. Osofsky (Ed.), *Children in a violent society* (pp. 150-177). New York: Guildford Press.